

ADILSON TADEU BASQUEROTE
(Organizador)

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

Atena
Editora
Ano 2023

ADILSON TADEU BASQUEROTE
(Organizador)

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

 **Atena**
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Fernanda Jasinski

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de LisboaProf. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProfª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Gross
 aProfª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências humanas: como impedir que a sociedade seja tragada pela ignorância?

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C569	<p>Ciências humanas: como impedir que a sociedade seja tragada pela ignorância? / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1264-9 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.649230603</p> <p>1. Ciências humanas. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 101</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.







A obra: **“Ciências humanas: Como impedir que a sociedade seja tragada pela ignorância?”**, apresenta estudos que se debruçam sobre a compreensão das Ciências Humanas em suas variadas dimensões tendo a o entendimento social como eixo norteador das reflexões. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades que possibilitam olhares interdisciplinares sobre a sociedade e possibilitam vislumbrar as tendências e compreender grupos e comportamentos, observar as mudanças históricas da vida em sociedade e projetar que organização social queremos para o futuro.

Partindo desse entendimento, o livro composto por 10 capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, de distintos pesquisadores de diferentes instituições e regiões brasileiras e uma peruana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e as relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises de ações cívicas, simbólicas e de crenças, formação continuada, reflexão estética de Arthur C. Danto, estudo sobre o filme Frida, História, memória e oralidade quilombolas do samba de cumbuca, ensino de história, relações étnico-raciais, invasão biológica e biodiversidade, práticas artísticas no contexto prisional, relações de poder, cultura brasileira, entre outros.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Atena Editora, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

CAPÍTULO 1	1
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO SONO: UM ESTUDO COM PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO	
Amanda Soares Nunes Gilmar Antoniassi Junior Saulo Gonçalves Pereira Hugo Christiano Soares Melo Adilson Tadeu Basquerote	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306031	
CAPÍTULO 2	13
DA CONTEMPLAÇÃO AO DEBATE CRÍTICO, A PARTIR DO PENSAMENTO DE ARTHUR C. DANTO	
Rodrigo Mantoan Cavalcante Muniz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306032	
CAPÍTULO 3	21
A FESTA CARNAVALESCA EM SÃO LUÍS E OS BLOCOS TRADICIONAIS	
Euclides Barbosa Moreira Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306033	
CAPÍTULO 4	33
ESTUDO DO FORMANTE CROMÁTICO DO FILME “FRIDA”: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA	
Gabriela de Souza Foganholi Claudia Regina Garcia Vicentini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306034	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE: REMINISCÊNCIAS QUILOMBOLAS DO SAMBA DE CUMBUÇA	
Francisco Helton de Araújo Oliveira Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306035	
CAPÍTULO 6	61
MAYOR PRESUPUESTO NO GENERA CELERIDAD PROCESAL Y PLAZO RAZONABLE EN EL TRIBUNAL CONSTITUCIONAL, PERÚ, 1999-2020	
Javier Pedro Flores Arocutipa Delfin Bermejo Peralta Ruth Daysi Cohaila Quispe Karen Coayla Quispe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306036	
CAPÍTULO 7	85
METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO E A	

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICOS – RACIAIS

Márcia Ferreira da Costa

Cristiane Maria Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306037>

CAPÍTULO 896


O QUE É INVASÃO BIOLÓGICA E QUAIS IMPACTOS NA BIODIVERSIDADE?
VENHA APRENDER JOGANDO!

Isabela Lombardo Meniz

Maria Tereza Grombone Guaratini

Magda Medhat Pechliye

Vânia Regina Pivello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306038>

CAPÍTULO 9112

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CONTEXTO PRISIONAL: UM OLHAR DA
PEDAGOGIA DAS ARTES PARA ALÉM DAS GRADES QUE NOS SEPARAM

Gleice Kely Aparecida da Silva

Verônica Veloso


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306039>

CAPÍTULO 10..... 124

PRÁTICAS E GOSTOS CULTURAIS NO BRASIL

Carlos Augusto Araújo da Costa

Edison Ricardo Emiliano Bertoncelo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.64923060310>

SOBRE O ORGANIZADOR 134

ÍNDICE REMISSIVO 135

A FESTA CARNAVALESCA EM SÃO LUÍS E OS BLOCOS TRADICIONAIS

Data de aceite: 01/03/2023

Euclides Barbosa Moreira Neto

São Luís; Hibridização cultural.

Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência" do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

RESUMO: Reflexão sobre as adequações da festa carnavalesca na virada do Século XIX para o Século XX, a partir do comportamento dos centros hegemônicos de cultura momesca e do desenvolvimento da manifestação cultural Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs), numa tentativa de melhor compreender a atuação desses grupos enquanto fenômenos de sociabilidade da região metropolitana da capital maranhense. Discorre-se como foi naturalizada e hibridizada a manifestação carnavalesca em nosso país e como se processou a adequação dessa festa.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval; Cultura popular; Blocos Tradicionais do Maranhão;

THE CARNIVAL PARTY IN SÃO LUÍS AND THE TRADITIONAL BLOCKS

ABSTRACT: Reflection on the adaptations of the carnival party at the turn of the 19th century to the 20th century, based on the behavior of hegemonic centers of Momesca culture and the development of the cultural manifestation Traditional Blocks of Maranhão (BTMs), in an attempt to better understand the performance of these groups as sociability phenomena in the metropolitan region of the capital of Maranhão. It discusses how the carnival demonstration was naturalized and hybridized in our country and how the adequacy of this festival was processed.

KEYWORDS: Carnival; Popular culture; Traditional blocks from Maranhão; St. Louis; cultural hybridization.

INTRODUÇÃO

Este artigo tenta compreender como foram assimiladas as hibridizações¹

1 O conceito foi introduzido pelo antropólogo argentino Néstor García Canclini em 1990. Aparece, pela primeira vez, em sua obra intitulada *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Cultura é o conjunto de crenças, tradições, arte, linguagem e hábitos que os grupos sociais adotam

da manifestação carnavalesca no Brasil na virada dos séculos XIX e XX, época em que se registravam grandes transformações provocadas pela recém-criada República brasileira, assim, observa-se neste contexto as diversas adequações processadas por parte da população mais abastada da sociedade, assim como dos setores populacionais mais pobres. Esclarecendo que este estudo integra a tese doutoral sobre as “Inovações e Práticas dos Blocos Tradicionais do Maranhão”, em construção, que tem por objetivo compreender a dinâmica cultural dos BTMs em relação às suas fissuras, intersecções e essencializações, diante das especulações contemporâneas do meio técnico e informacional que tem impactado na sua produção cultural, mas também, nos processos históricos de sua realização, o que pode estar reorientando sua condição inerente à criação de vínculos afetivos, suas sociabilidades e socialidades, sua produção de sentidos, suas narrativas sobre identidade, seus saberes e suas maneiras de fazer, e a sua condição ritual festiva.

Sobre como se processou a adequação das festas carnavalescas em São Luís do Maranhão na virada do século XIX para o século XX, a análise de Antônio Ferreira (1998) nos dá uma ideia de como a festa carnavalesca foi mensurada pela sociedade brasileira, ao afirmar que “em 1890, a república estava recém-proclamada, procurando firmar-se politicamente por todo o país. Tentativas de golpes e revoltas explodiam a cada momento nas antigas províncias” (FERREIRA, 1998, p. 22), por isso, segundo esse investigador, “era preciso reforçar o poder executivo, na figura do Governador estadual, o que acabou possibilitando a formação das oligarquias políticas, que dominavam o poder por longo tempo”.

Ferreira (1998), fazendo um paralelo à atividade econômica da região, ressalta ainda que é nesse período (final do século XIX) que o Maranhão recebe alguns investimentos industriais importantes, “no ramo têxtil (nas cidades), e, mais tarde, no beneficiamento da amêndoa de babaçu (no campo), uma riqueza nativa” (FERREIRA, 1998, p. 22). Esses investimentos não se mostraram eficientes, segundo Ferreira, pois os mesmos foram decaindo ao longo dos anos, todavia, até a metade do século XX, a cidade ainda vivia sob a influência desse progresso industrial.

Reverendo esse período de progresso mediado pela indústria, pode-se deduzir daí o início de uma readequação da vida urbana e uma espécie de reestruturação da cidade e da população, composta agora de operários, da nova burguesia empresarial, de uma classe política centrada na oligarquia e de um clero ainda muito forte. Com estas informações, tenta-se perceber como se divertiam, observavam, criticavam e olhavam o carnaval, no qual se insere o foco desta investigação – os BTMs.

As passeatas dos clubes e das sociedades carnavalescas já eram registradas em São Luís desde o ano de 1890, Ferreira (1998), a exemplo do que já se fazia no Rio de Janeiro e Lisboa. São Luís reproduzia em uma velocidade muito curta o que acontecia na capital federal, na época, o Rio de Janeiro. Exemplificando essa assertiva, o Clube

Fenianos do Norte, homônimo do Clube Fenianos do Rio de Janeiro, realiza, em 1890, um “passeio” no modelo de cortejo ou corso no carnaval da cidade de São Luís.

Na literatura carnavalesca, parte significativa dos autores menciona o entrudo como uma brincadeira que consistia basicamente em uma festa de mela-mela. No início, os dominantes brincavam juntos com os subalternos, mas, a conotação violenta adquirida ao longo do tempo afastou essa parcela abastada do ritual festivo (...).

HIBRIDIZAÇÕES DA FESTA CARNAVALESCA

Alguns cronistas do século XIX relatam, em suas produções, que os folguedos ou brincadeiras, como o entrudo, “surgidos por influência do processo de colonização” são citados e relatados como “folguedos carnavalescos dos mais primitivos da cidade”, como cita Martins (1998a), na obra “Carnaval de São Luís, diversidade e tradição”. Nessa obra, o autor afirma ainda que essas brincadeiras eram manifestações africanas “transplantadas para o território brasileiro” (MARTINS, 1998a, P. 14), estando, a princípio, vinculadas ao calendário religioso católico, mas, ocasionalmente, já extrapolavam essas funções.

Assim, o entrudo se constitui popular, atuando nos subúrbios e nas áreas marginais das cidades. De acordo com Araújo (1996a), aos poucos, com o surgimento da classe operária nas grandes cidades e o incremento da classe média, as festas se confundiram e o campo do Carnaval começou a se estruturar com novas formulações, adequando-se às novidades que o mercado sinalizava como prática lúdica e comercial, em especial ao modelo originado do continente europeu e dos centros difusores do país.

Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, as festas passaram a ser subsidiadas pelo Estado, o que possibilitou a sua manutenção até hoje. Mas, nas cidades nordestinas, a crise provocada pela crescente concorrência internacional que sofria o açúcar (seu principal produto de exportação) fez com que se procurassem formas menos dispendiosas (e mais exclusivas) da festa. Não só a concorrência internacional prejudicou as exportações nordestinas, a infraestrutura com a falta de estradas, portos deficientes, energia elétrica sem condições de atender a demanda foram cruciais para o declínio que estava por vir. Esse quadro fez com que os investidores voltassem seus olhos para as regiões sul e sudeste do país, desativando muitas empresas na região nordestina.

Na transição para o século XX, no momento em que as sociedades carnavalescas das camadas dominantes e médias saíam às ruas sem máscaras e em guerras de purpurina, confetes e lança-perfume, surgiam novos atores no Carnaval chamado popular. Grupos de amigos, parentes ou vizinhos, assim como associações de classe e irmandades religiosas se estruturavam em organizações civis para ornamentar as ruas, confeccionar alegorias e desfilar no Carnaval ou em bandas para se apresentarem nas praças e nas demais festas.

Segundo Araújo (1996a), essas organizações já apareciam razoavelmente estruturadas, igualmente constituídas e com um corpo de integrantes que se mantinha

durante todo o ano, e não só na época do Carnaval. Havia desde presidentes, diretores, secretários, conselhos fiscais, eleitos anualmente, até integrantes fixos e honorários, zeladores, tesoureiros e ensaístas, entre outros, mas predominava a racionalidade substantiva nessas organizações.

Principalmente na classe dominante, as sociedades e outros grupos comunitários começam a se estruturar legalmente para poderem se caracterizar como agente social formal, inclusive ter patrimônio, sede própria ou sede social para a realização de eventos de entretenimento e lazer. Havia projetos de beneficência e de ajuda aos sócios em dificuldades. O Carnaval ganhava significado para o povo por remontar às relações cotidianas do trabalho e dos bairros.

De acordo com Eugênio Araújo (2014c), a exceção de forma de organização são os grupos vinculados às camadas mais pobres da população por absoluta falta de conhecimento de seus líderes e gestores, pois, se por um lado havia a disponibilidade para se organizar um grupo classificado como entrudo de maneira voluntária e rápida para sair às ruas e brincar, de outro, faltava o aporte financeiro e conhecimento legal para fazer o grupo existir enquanto agente social formalmente constituído, fato que era recorrente e repetido em quase todas as outras manifestações de origem subalterna.

Os organizadores tinham noção do que queriam e apadrinhavam os grupos e assim se levava a manifestação ao longo dos anos. A festa do Carnaval torna-se símbolo da nacionalidade brasileira. Uma parte dos poderosos voltou então aos salões, enquanto outra parte continuou desfilando nas sociedades carnavalescas, cada vez mais estruturadas, longe dos subúrbios e do olhar das camadas subalternas.

Nessa conjuntura de transformação e de definição, uma forma dialética de convivência da burguesia com a camada popular, ou seja, a massa proletária e pobre da cidade de São Luís, a classe média e parte da elite que apreciava a festa carnavalesca começam a formar suas “patotas”², dessa maneira, grupos específicos de pessoas amigas ou ligadas por laços de parentesco, quase sempre eram estruturados ao nível familiar, pois essa parcela dominante evitava se misturar aos estamentos inferiores da sociedade (os pobres, negros, analfabetos, desempregados, etc.). Era uma forma velada de segregação.

Os criadores dessas iniciativas desenvolviam no núcleo familiar, de forma restrita, suas atividades de lazer e entretenimento de maneira produzida à moda da época. Em muitos casos eram organizados almoços ou jantares, ou lanches para os participantes, que eram servidos antes, durante ou depois dos eventos. Dessa forma, as famílias abastadas estavam livres de inconvenientes e da agressividade que ocorriam corriqueiramente nas manifestações classificadas de populares.

A constância desses eventos no meio social de São Luís fez surgir vários grupos denominados de blocos ou cordões para se diferenciarem dos “entrudos” populares, feios,

² Entenda por “patota” grupos de amigos e/ou familiares para desenvolver relacionamentos interpessoais em qualquer ramo da atividade humana, no caso desta investigação, um grupo para curtir e brincar o carnaval à moda ludovicense.

agressivos, mal trajados e sujos. Por outro lado, os blocos familiares estavam blindados: os participantes eram todos conhecidos ou quando muito convidados de algum membro familiar, assim, os integrantes dos blocos ou cordões estavam entre parentes, no espaço privado de uma mansão ou sítio familiar, com a produção visual e musical previamente escolhida. Segundo Martins (2000b), nessa época, tocava-se de tudo, pois o samba ainda não estava popularizado.

Uma prática começou a ser disseminada entre os integrantes da burguesia ludovicense, pois as famílias mais extrovertidas começam a se visitar mutuamente, ou seja, esse ato de visitar possibilitou a criação de um hábito saudável e inovador, pois a produção da festa deixa de ser exercida só no limite espacial da família para conquistar novos espaços de relacionamento, seja por boa educação, ou reciprocidade.

Conforme Silva (2015), assim implanta-se no meio social da capital maranhense uma prática considerada inovadora em que as famílias iniciam uma competição tácita entre si para saber quem melhor recebia e quem melhor produzia seu ato festivo ou sua prática festiva. O importante era que esses eventos fossem bons para todas as partes. Com o passar do tempo, alguns desses encontros ganharam mais notoriedade que outros e a realização de algumas festas era ansiosamente aguardada.

Noutra vertente, havia aqueles eventos ou encontros sem maiores cuidados, mas que reuniam a cumplicidade e parceria de seus integrantes para produzir bons momentos. A esses encontros, sem maiores compromissos, foi atribuído o nome de “assalto”, ou “assalto carnavalesco”. Esses “assaltos carnavalescos” eram caracterizados pela visita de um grupo familiar ou não, pois só poderiam participar dos mesmos, pessoas amigas e que fossem bem-vindas à casa de uma determinada família.

Padilha (2014) lembra que, sem dúvida, esta prática, que também pode ser vista como segregadora por afastar os membros familiares de núcleos abastados e que tivessem algum prestígio no meio social das camadas pobres e menos favorecidas da sociedade, causava certo desconforto naqueles que se classificavam como defensores de uma convivência mais igualitária entre as camadas sociais; por outro lado, nos “assaltos carnavalescos” fica claro que seus integrantes, pela convivência diária, sabiam que podiam invadir a residência de alguém conhecido sem causar grandes constrangimentos.

A convivência familiar e as relações de amizade davam aos participantes dos assaltos “carta-branca” para invadirem, no bom sentido, a casa de um amigo. Feita a invasão, a festa começava. Às vezes, o “assalto carnavalesco”, por pegar de surpresa o dono ou dona da casa, não encontrava nada preparado, então a produção era iniciada naquele momento; ou parte da brincadeira já estava previamente produzida pelos integrantes do grupo organizador. O importante nesses momentos era obter a permissão do alvo escolhido para realização da confraternização, que pode ser traduzida por festa carnavalesca.

Nessa contextualização de relacionamento social, os grupos familiares mais organizados sentiram necessidade de realizar novas formas de curtição da festa

carnavalesca que os unissem e os tornassem diferenciados dos entrudos das camadas mais pobres da população. Foi assim que surgiram os primeiros blocos tradicionais, que, inicialmente, ficaram conhecidos pelo nome de blocos de tambor grande e por usarem fantasias inspiradas em figuras consideradas tradicionais do carnaval veneziano: *pierrots*, *colombinas* e *arlequins*.

Em entrevista gravada no dia 30 de outubro de 2015, Paulo Salaia, coordenador do BTM “Os Feras”, destaca que os tambores grandes eram instrumentos pesados feitos de compensado, com mais 1 metro de comprimento por aproximadamente 80 cm de largura, cobertos com pele de bode, carneiro ou veado, que emitiam um som percussivo muito alto, os quais, interagindo com outros instrumentos também percussivos, como contraponto harmônico, emitiam uma batucada singular e única, diferenciada, que permitia que fossem cantadas músicas de vários estilos.

Nessa fase inicial dos BTMs, quando os seus instrumentos eram cobertos com pele de animal, a afinação dos mesmos era obtida com fogo, por meio do aquecimento das peles. Essa novidade agradou tanto os apreciadores da folia, que logo outros grupos organizados no âmbito familiar começaram a se reproduzir para participar da festa. Quanto mais organizados e mais ensaiados fossem, mais legitimidade e mais repercussão os blocos tinham.

A prática tornou-se naturalizada no meio social ludovicense e a cada ano os grupos ensaiavam mais, esmeravam-se mais na escolha de um repertório eclético e diversificado com o objetivo de agradar o seu público-alvo, inseriam fantasias inspiradas nas figuras tradicionais do carnaval veneziano (*Pierrots*, *Arlequins* e *Colombinas*), sem nunca esquecer a máscara, ou, quando essa não existia, utilizava-se o recurso de pintar o rosto.

Com o passar do tempo, essa forma de brincar o carnaval – que era preferencialmente praticada no espaço territorial das famílias envolvidas - deu aos participantes dos blocos de tambor grande o desejo de ir para a rua e outros locais públicos, pois o divertimento ocorrendo só no âmbito do espaço territorial familiar era muito pouco, considerando que os praticantes queriam ampliar o esforço de ter feito uma boa produção, conquistando novas plateias.

Eles queriam se mostrar e demonstrar como tocavam, além de exibir suas fantasias e o desempenho cênico, afinal os grupos estavam se aperfeiçoando e a curiosidade de parentes e simpatizantes, além do público leigo, os convidavam para uma “batalha de alegria”, no mundo exterior, nas ruas e praças da cidade, movida a confetes, serpentina, lança perfume e talco (uma espécie de pó branco perfumado) (...). Nessa época, brincava-se em família e entre os amigos do mesmo campo social. É verdade, sem cordas ou barreiras físicas que impedissem a evolução dos participantes, pois, a rigor, todos eram conhecidos, mas com a barreira separatista do nível socioeconômico e da segregação. A iniciativa da classe média e elitista ludovicense de brincar e curtir o carnaval ganha o gosto da população abastada de uma sociedade que ainda está em construção.

Araújo (2008b) sublinha que, na década de 1920, essa forma de curtição também já podia ser percebida nas notícias e comentários de cronistas publicados nos jornais da época, como nos fragmentos que serão recortados mais à frente (...). Com apoio na assertiva de que a maneira inicial que permitiu o surgimento dos blocos de tambor grande - que muito mais tarde passaram a ser nomeados de Blocos Tradicionais – percebe-se que houve uma tímida tentativa de organização, mesmo que familiar, acrescentando uma característica inovadora, minimamente estruturada e com regras próprias, a partir do início do séc. XX, mais ou menos, com o surgimento das primeiras organizações carnavalescas. Segundo Araújo (2008b), uma das regras principais do campo, nesse período, era a lógica do desinteresse, pelo menos aparente, que dava suporte ao caráter lúdico e agregador da festa.

Provocado por essa maneira de execução da forma ritualística de fazer o carnaval, corrobora-se o que afirma DaMatta (1990), citado por Araújo (2014c, p. 124), ao analisar o contraste entre rigidez e relaxamento entre as manifestações culturais, quando, por um lado, diz que “mesmo dentro da rigidez prescrita, o apelo estético é explorado também pelos desfiles militares e procissões, visto que nas paradas há uniformes especiais para serem usados nestas ocasiões [...]” (ARAÚJO, 2014c, P. 124); enquanto, por outro lado, “nas procissões, o brilho das lanternas, a nuvem dos incensos, a variedade das indumentárias eclesíásticas multicolores bordadas, dos andores floridos, etc., tudo isso aproxima estes ritos com a base comum da sedução visual” (ARAÚJO, 2014c, p. 124). Simplificando, todos os grupos e manifestações têm, no mínimo, uma preocupação com o desenvolvimento estético.

O FENÔMENO DOS BLOCOS TRADICIONAIS

No caso específico do BTM, o aspecto político emerge como um ícone, por meio da ação do Estado – que tentou engessar os gestores e os grupos com uma política viciada na dependência provinciana (para alguns ainda coloniais) de ficar aprisionado a favores e “ajudas financeiras” disponibilizadas somente nas vésperas do período de comemoração do ciclo carnavalesco propriamente dito - e essa ideia foi absorvida por parte da sociedade, da imprensa, dos “brincantes”, que, por sua vez, dão a sua contribuição para a efetivação do fenômeno.

Mesmo que esse folguedo tenha resistido durante muitas décadas, ora com mais visibilidade, ora meio esquecido, não teria sido um inteligente mecanismo de legitimação do poder o uso do folguedo como símbolo significativo da cultura maranhense? Não estaria o Estado assumindo o controle da cultura, em forma disfarçada de estímulo, de uma manifestação notadamente popular e com ressonância em várias regiões do país? Para elucidar essa questão sobre a manipulação simbólica do BTM, vale lembrar o que diz Bourdieu (2011) quando afirma:

(...) a procura dos critérios “objetivos” de identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que na prática social estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou sotaque) são objetos de representações mentais, quer dizer de atos de percepção e de apreciação, de conhecimentos e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetivas, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (BOURDIEU, 2011, p. 112)

Vale ressaltar que, no caso do BTM, que surge com a cumplicidade da elite pensante maranhense, em uma rota diferenciada de outros folguedos, a exemplo do “bumba meu boi” e do “tambor de crioula”, tornando-se um dos maiores símbolos da cultura local, não se pode deixar de considerar as ideias de Hobsbawm (1997) quando defende que as tradições inventadas pelas elites dominantes têm objetivos que justificam a sua própria existência, legitimação e pretensa importância:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma relação ao passado (HOBSBAWM,(1997, p. 9),

Assunção (2008) diz que existe algum risco em assumir que os grupos de cultura popular, como, por exemplo, o grupo de BTM, são uma mistura das três raças e questiona a classificação em “negro, indígena e branco”:

Na minha opinião, essa tentativa de racializar todos os elementos da cultura popular podem levar a sérios impasses, devido à artificialidade do conceito de raça. Para começar, as raízes são mais diversas que esse mágico número três. (...) Elementos da cultura árabe e islâmica assim como das culturas regionais do Maghreb influenciaram tanto os Portugueses quantos os povos ao sul do Sahara, e acabaram chegando ao Maranhão. Porque radicalizar, então, manifestações quando nem os próprios atores o fazem de maneira sistemática? ” (ASSUNÇÃO, 2008, p. 5),

Fazer a identificação baseada no conceito de raça ou etnia é desconhecer que é impossível estabelecer categorias fixas e cerradas para a definição de grupos humanos, uma vez que a condição do “humano” é dinâmica permanentemente sujeita a mudança que ela própria gera. Como Lévi-Strauss já o anunciava:

(...) São as formas de cultura que adotam aqui e ali os homens, as suas formas de viver passadas e presentes, que determinam numa larga medida o ritmo e a orientação de sua evolução biológica. Longe de ser preciso perguntar se a cultura é ou não função da raça, descobrimos que a raça – ou aquilo que se entende em geral por este termo impróprio – é uma função entre outras da cultura” (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 152).

Em um mundo globalizado fica cada vez mais difícil mapear as etnias, pois elas se apresentam de forma fragmentada e em constante mutação:

Ademais, nos dias atuais, buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por longo tempo” (BAUMAN, 2004, p. 32).

Diante da banalização do *status* de “Atenas brasileira”, atribuído à capital maranhense, e que foi símbolo da sua identidade por longo período no decorrer dos séculos XIX e XX (quando os patriarcas de muitas famílias mandavam seus filhos estudar ou se aperfeiçoar profissionalmente na Europa - especialmente na França e em Portugal), por que a cultura popular foi então escolhida para reverter, por meios de valores simbólicos, a imagem quase neutralizada de um passado glorioso?

Uma das justificativas para essa escolha seria a de que a cultura popular apresentava uma característica que, para as instituições maranhenses, representava uma garantia de consenso: a permanência do acontecimento cultural pelo menos desde o início do século passado. No que concerne ao BTM, acredita-se que a sua vigência se prende ao fato de este ser um grupo relativamente pequeno, fechado e com forte vínculo familiar, o que possibilita o controle pelo seu organizador e faz com que se evitem situações de descontrole por parte dos participantes.

O perfil de permanência é frequentemente repiscado ou realimentado como forma de servir de parâmetro quer pelos indivíduos, quer pelas instituições, em uma tentativa de justificar o presente pela existência de um passado. Como refere Estevão Martins, a “articulação entre passado, presente e futuro, constante nas interpretações de todos os processos temporais, é decisiva para a definição de uma identidade, ou na realidade empírica das identidades tradicionais (...)” (MARTINS, 2007c, p. 33).

Relativamente a essa questão, o investigador Padilha (2014) evidencia que a maioria dos discursos dos autores se baseia, fundamentalmente, nos fatores expressos para lá da música. Os argumentos recaem sempre em aspectos sociais, despromovendo o fato de os grupos de “bumba meu boi” e os de BTMs terem identidade própria pela música que tocam ou pela força coreográfica que representam, que lhes permitem, efetivamente, comunicar.

Precede-se ao início da análise propriamente dita dos resultados, uma comparação de como está sendo a participação de grupos BTMs no carnaval de São Luís, a partir das comemorações do quarto centenário do aniversário da capital maranhense, comemorado em 2012. Esta data é emblemática porque todos os grupos que desfilaram em São Luís naquele ano escolheram como tema algum aspecto relacionado à história passada ou ao tempo presente dessa cidade, o que foi considerado um momento muito significativo, pois houve interação entre os atores envolvidos, com o intuito de prestar homenagem à sua terra natal.

Apesar do tema desenvolvido por todos os grupos participantes do carnaval 2012 ter sido a cidade de São Luís, a comparação desta investigação se limitará à categoria BTM,

objeto desta investigação: 48 grupos de BTMs desfilaram naquela temporada, sendo 24 BTMs no grupo B; 22 BTMs no grupo A; e 2 grupos de BTMs desfilaram sem concorrer (...). Em 2013, ano da mudança da gestão municipal da capital maranhense, os concursos não foram realizados causando uma crise sem precedentes e tendo como consequência a desativação de vários grupos culturais, envolvendo todas as categorias que participavam da festa carnavalesca. A consequência mais visível é o que pode ser registrado nos desfiles dos anos seguintes, mais precisamente a partir dos anos de 2014, quando os desfiles voltaram a acontecer de forma organizada na passarela. Não se tem dados precisos de quantos grupos desfilaram em 2013 com o cancelamento dos concursos carnavalescos.

Assim, em 2013, os BTMs que desfilaram o fizeram como forma de resistência, para manter viva a chamada tradição dessa manifestação, ou seja, não deixar morrer a cultura dos blocos tradicionais maranhenses. Muitos gestores e responsáveis pela manutenção dos grupos BTMs desistiram de se produzir, considerando que a motivação vital para essa produção é a competição dos grupos na passarela, sendo, portanto, fios condutores dos desfiles paralelos nos circuitos carnavalescos de ruas e praças da cidade de São Luís. Como consequência mais fácil de ser comprovada, é que aquele número de 48 grupos de BTM que desfilaram em 2012, quando se comemorou os 400 anos da cidade de São Luís, essa quantidade foi reduzido para números bem menores (...).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que a prática carnavalesca em São Luís do Maranhão sofreu significativa adequação, desde o momento em que a República fora proclamada no Brasil, no final do século XIX, ocorrendo naturalizações e hibridizações nas ações, hábitos e crenças das manifestações sociais e culturais locais as quais foram afetadas progressivamente de forma contudente, conforme relata Canclini (1997) na sua obra “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”.

A rigor, o país sofreu uma espécie de ebulição social, política e cultural, adequando suas formas de sociabilidade, a exemplo de como a elite maranhense desenvolveu as práticas recreativas para preservar suas maneiras de curtir o período carnavalesco. E, progressivamente implementou as fórmulas importadas do continente europeu, criando à nível local, a partir do final dos anos da década de 1920, atividades de visitas, entre as famílias abastadas da época, cohecidas por “assaltos carnavalescos”, que nada mais eram que uma espécie de segregação, para não deixar as manifestações de origem humilde e o povo pobre da periferia se misturar com a classe mais abastada do espaço urbano de São Luís: assim surgem os Blocos Tradicionais do Maranhão.

Esses grupos de BTMs, a exemplo do Carnaval local também sofreram hibridizações e naturalizações. Atualmente, eles são organizados principalmente pelas populações pobres e de classe média da cidade, conservando sua sonoridade única e esmerando-se, cada

vez mais, no visual lúdico e luxuoso de suas fantasias, inspiradas em temas específicos, escolhidos a cada temporada do ciclo carnavalesco local, apesar das dificuldades financeiras que prejudicam todos os grupos e manifestações culturais da região e do Brasil.

Pode-se afirmar, ainda, que os BTMs, atualmente, são os grupos culturais maranhenses que melhor representam sua identidade cultural, pois os mesmos adquiriram legitimidade e reconhecimento de toda a sociedade local. Com relação a questão política, pode-se afirmar que desde 2013, ano da mudança da gestão municipal da capital maranhense, os concursos não foram realizados causando uma crise sem precedentes e tendo como consequência a desativação de vários grupos culturais, envolvendo todas as categorias de manifestações culturais que participavam da festa carnavalesca. Dessa maneira, no período de 2013-2020 houve uma diminuição significativa de grupos desfilando nos concursos oficiais promovidos pelo poder público municipal. Merece ser destacado que no período citado 2013-2020, a cidade de São Luís foi gerenciada por um Prefeito que professa a religião evangélica e sequer ele compareceu nas atividades dos festejos carnavalescos, dando margem ao surgimento de muitas críticas por quem aprecia e gerencia grupos culturais de origem popular.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. **Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro. 2008.** Tese (Doutorado) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008b.

ARAÚJO, R. C. B. **Festas: Máscaras do tempo:** entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife, Brasil: Fundação de Cultura Cidade do Recife. 1996a.

ASSUNÇÃO, M. R. **A formação da cultura maranhense:** algumas reflexões preliminares. São Luís, Brasil: CMF – Boletim 14, 2008.

BAUMAN, Z. **A vida fragmentada:** ensaios sobre a moral, pós-moderna. Rio de Janeiro, Brasil: Relógio D'Água Editores, 1995.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade.

São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

DAMATTA, R. **Carnaval, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

FERREIRA, A. E. A. **Brincadeiras Dramáticas e o Samba no Carnaval de São Luís – De 1890 a 1950.** 1988. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Antropologia da Arte, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Antropologia Face aos Problemas do Mundo Moderno**. Maia, Portugal: Círculo de Leitores, 2012.

MARTINS, A. **Carnaval de São Luís: diversidade e tradição**. São Luís, Brasil: SNALUIZ, Brasil: Editora Nelpa, 1998a.

PADILHA, A. F. **A Construção Ilusória da Realidade, Resignificação e Recontextualização do Bumba Meu Boi do Maranhão a partir da música**. 2015. Tese. (Doutorado) - Universidade de Aveiro, 2015.

SILVA, F. H. M. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996)**. São Luís: Editora UEMA, 2015.

A

Alunos 87, 92, 93, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107

Análise 3, 6, 7, 9, 10, 15, 19, 22, 29, 33, 35, 37, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 100, 103, 105, 107, 108, 112, 121, 124, 132

Aprendizagem 87, 93, 96, 105, 106, 107, 108, 134

Aula 4, 9, 87, 89, 90, 95

Avaliação 1, 3, 11, 12, 99, 109

C

Cidade 22, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 53, 112, 124, 125, 129, 130, 132

Classe 9, 22, 23, 24, 26, 30, 114

Conhecimento 12, 14, 24, 36, 54, 56, 57, 93, 96, 97, 99, 100, 102, 107, 108, 124, 125, 128, 129, 131

Contexto 4, 6, 9, 11, 13, 14, 22, 35, 38, 40, 44, 46, 48, 57, 62, 65, 66, 87, 96, 98, 99, 101, 102, 106, 112, 117, 118, 123

Covid 114, 131

Criança 55, 58, 107, 108, 116

D

Desenvolvimento 1, 6, 9, 10, 21, 27, 34, 35, 85, 89, 93, 99, 106, 107, 118, 134

Deus 108

E

Educação 4, 5, 10, 11, 25, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 108, 109, 110, 114, 118, 120, 121, 123, 134

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 56, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 109, 110, 123, 134

Escola 4, 9, 31, 33, 87, 88, 94, 98, 102, 108, 130

Espaço 5, 19, 25, 26, 30, 48, 52, 55, 57, 59, 88, 101, 102, 107, 115, 117, 119, 121

Estudo 1, 3, 6, 9, 10, 15, 17, 22, 31, 33, 36, 37, 44, 45, 46, 85, 89, 95, 98, 127

F

Fogo 26, 51, 100, 102

Fonte 6, 7, 8, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 52, 125

Formação 4, 16, 22, 31, 33, 49, 56, 57, 58, 59, 87, 88, 93, 94, 95, 100, 107, 120, 124

H

Humano 28, 65, 103, 106, 114, 116, 118, 119

I

Identidade 22, 28, 29, 31, 34, 47, 48, 49, 56, 58, 59, 88, 89, 94, 116

Importância 1, 3, 6, 16, 19, 28, 33, 35, 36, 37, 44, 48, 58, 85, 93, 98, 105, 106, 107, 112, 114, 116, 119, 120

Indígena 28

L

Liberdade 36, 87, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122

Linguagem 21, 36, 40, 46, 85, 93

Lugar 13, 15, 18, 20, 49, 51, 54, 64, 65, 70, 80, 113, 118, 119, 125, 130, 131

M

Metodologia 15, 35, 44, 45, 55, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

O

Organização 24, 27, 36, 55, 59, 117, 125

P

Pandemia 71, 114

Participação 18, 29, 57, 102, 106, 124, 125, 126, 127, 129

Pesquisa 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 15, 16, 19, 33, 34, 35, 36, 45, 47, 52, 55, 56, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 108, 112, 114, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 132, 134

Poder 4, 22, 27, 31, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 74, 94, 98, 107, 115, 116, 117, 118, 120, 121

R

Relações 10, 14, 17, 19, 24, 25, 45, 49, 85, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 101, 102, 105, 121

S

Social 5, 8, 9, 17, 18, 24, 25, 26, 28, 30, 45, 49, 55, 56, 58, 60, 83, 87, 88, 105, 107, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 126, 132

Sociedade 4, 10, 13, 14, 17, 19, 22, 24, 25, 26, 27, 31, 45, 48, 88, 106, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 121

T

Tecnologia 91, 92, 95

Terra 29, 31, 32, 100, 116, 122

Trabalho 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 19, 21, 24, 35, 37, 47, 48, 50, 53, 54, 56,
86, 87, 89, 93, 96, 108, 119, 124, 126, 127, 130, 132

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

 **Atena**
Editora
Ano 2023

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

